influenciam decisivamente a intenção de plantio dos agricultores. A partir do segundo semestre, portanto, devem ser mantidos os incentivos de preços aos produtores — no sentido de que algum aumento de preço deverá ser tolerado — para que a produção seja incrementada na próxima safra.

PREÇOS EXTERNOS DEVEM SUBIR.

As perspectivas do mercado internacional também não justificam a atual morosidade na efetivação das importações. Embora os preços externos ainda estejam relativamente baixos em conseqüência dos elevados estoques norte-americanos, o mercado deverá firmar-se nas próximas semanas, em função de grandes importações realizadas pela URSS, além do atraso no plantio para a próxima safra norte-americana.

AS MEDIDAS DE POLÍTICA PARA SE ENFRENTAR A CRISE.

Portanto, para regularizar o abastecimento e estancar as pressões inflacionárias é necessário que o milho importado esteja disponível ainda neste semestre, para a formação de um estoque dinâmico de 500 mil t ao longo deste ano. Para manter o incentivo à produção, basta recordar a infeliz experiência do ano passado, quando os estoques governamentais foram desovados na época de plantio, derrubando os preços e desestimulando os produtores. A repetição deste equívoco poderá ser fatal à lavoura de milho do Brasil.

TRIGO

BIÊNIO DESFAVORÁVEL.

A secular história da experiência tritícola brasileira poderá incorporar no biênio 77/78 um novo divisor de águas, com a persistência de distúrbios climáticos, prolongados por um período inusitado. Após a extrema irregularidade pluviométrica, responsável pela pequena colheita de trigo de 1977, as culturas de verão foram sensivelmente prejudicadas e, agora, o prosseguimento de uma longa estiagem assume feição inquietante, ao perturbar o plantio das culturas de inverno.

PROBLEMAS NAS ÁREAS DA TRITICULTURA.

Principal lavoura semeada neste período, o trigo vê-se afetado, mais uma vez, por condições naturais desfavoráveis. As três regiões ecologicamente diferenciadas e propícias a seu cultivo enfrentam problemas semelhantes. Segundo o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, são elas as regiões Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e centro-sul do Paraná), Centro-Sul (norte e oeste paranaenses, sul de Mato Grosso e sudoeste de São Paulo) e, por último, a região Central, atual área pioneira da triticultura, que abrange Minas Gerais, Goiás, norte de Mato Grosso e norte de São Paulo.

O plantio do cereal deveria estar-se completando na região Centro-Sul, onde, no momento, aproxima-se do fim o período ideal de semeadura, localizado entre 10 de março e meados de maio. No entanto, a escassez de chuvas manteve secos os solos, arruinando as primeiras semeaduras e retardando o processo de desenvolvimento da safra, a qual, tardiamente plantada, enfrentará novas adversidades mais tarde.

ESPERANÇAS FRUSTRADAS NO PARANÁ.

Estes problemas aparecem justamente quando, ao contrário do Rio Grande do Sul, os trigais do Paraná apresentaram bom desempenho na safra passada, dando a certeza da expansão da área do cereal em terras paranaenses — favorecida, também, pela boa disponibilidade de sementes e pela antecipação do término da colheita da soja.

Comentários

DIFICULDADES PROSSEGUEM NO RIO GRANDE DO SUL.

Não bastasse o agravamento dos problemas enfrentados pelos produtores dessa região, as mesmas cores se apresentam na composição do quadro do início do plantio do trigo gaúcho. A longa estiagem soma-se à desolação, que já permitia prever a impossibilidade da repetição da área plantada anterior, de 1,5 milhão de hectares. Chegar-se-ia, no máximo, próximo a 1 milhão de hectares, devido não apenas ao impacto da quebra de 1977, mas também ao desânimo provocado pelo atual preço de garantia e pela limitada oferta de sementes. Este último problema vem assumindo maiores proporções, há algumas semanas, devido à não-efetivação dos prognósticos mais pessimistas, de quase-abandono da cultura do trigo no Rio Grande do Sul.

PERSPECTIVAS PREOCUPANTES.

Ainda é cedo para que se levantem suposições em torno do desenvolvimento da safra de 1978. No entanto, parece inevitável o aprofundamento do fosso entre a oferta doméstica e os acréscimos verificados anualmente no consumo do trigo. Nos anos de 1976 e de 1977, este apresentou incrementos superiores a 20%, cuja repetição este ano, alçará a demanda interna a mais de 7 milhões de t. A conseqüente ampliação, pela Sunab, do volume das quotas distribuídas aos moinhos exigirá, necessariamente, a complementação com o produto importado, em escala ainda maior do que a hoje verificada.

MAIS IMPORTAÇÕES, PREÇOS MAIS ELEVADOS.

A incômoda posição brasileira de sólido importador mundial prosseguirá e, infelizmente, será acompanhada por parceiros habitualmente participantes, em grande escala, do mercado internacional. Se a presença da República Popular da China, como fator ponderável para a sustentação das cotações do trigo, era tida como certa, as notícias sobre danos no trigo de inverno da União Soviética poderão significar compras ainda maiores deste país. Inevitavelmente, a força da demanda internacional garantirá a repetição de reduções no volume dos estoques norte-americanos. Isto, associado ao êxito da política de formação de reservas nos EUA, e à participação dos fazendeiros norte-americanos nos programas de redução de plantio, significará, para o Brasil, dispêndios bem superiores aos US$ 550 milhões esperados para 1978, com as importações de trigo.

ALGODÃO

CAUSAS DA ELEVAÇÃO DOS PREÇOS.

Há cerca de dois meses, o preço do algodão em pluma no mercado interno vem-se elevando sistematicamente. Tal fato se explica por um superaquecimento de demanda, provocado pelo receio dos industriais de que as disponibilidades de produto se possam revelar insuficientes ao atendimento de suas necessidades. Por outro lado, pretendendo cobrir os danos causados pelas más condições climáticas, os produtores estariam ofertando o produto a preços mais elevados. A interação de ambos os fatores tem configurado uma situação artificial de escassez.

SUPRIMENTO GARANTE MERCADO.

Na realidade, o mercado se acha satisfatoriamente suprido. A safra meridional, estimada entre 260 e 300 mil t, será mais do que suficiente para atender ao consumo médio mensal de 40 mil t até setembro-outubro, quando começa a ser colhido o algodão nordestino. Assim sendo, não haverá necessidade de ser utilizado o estoque remanescente da temporada 76/77 (100 a 130 mil t) para garantir o abastecimento